

# CIÊNCIA E HUMANISMO

FRANCIS DE MIOMANDRE

O impulso prodigioso das técnicas científicas e, principalmente, o das pesquisas nucleares, parece ter ocasionado nos cérebros dos nossos contemporâneos uma espécie de vertigem, graças à qual as mais clássicas concepções da vida, eu diria mesmo as mais sagradas, foram submetidas a uma revisão total, em síntese, a uma subversão nunca vista.

Haveria necessidade de assinalar aqui o fator orgulho?... O cientista, ou melhor, o técnico contemporâneo, está de tal forma convencido da supremacia do seu valor próprio em relação aos que se dedicam a outras disciplinas, que não admite a possibilidade de uma comparação. Senhor, ou julgando-se tal de processos capazes de destruir o planêta, sorri com desprezo para os esforços despendidos por milhões e milhões de homens, no decorrer dos séculos, para melhorar a sorte dos habitantes na terra. Ou por outra, existe (segundo êles) uma antinomia irredutível entre a Ciência, que pode dar ao homem poderes extraordinários, e o humanismo, que se contenta em ornamentar seu espírito e aperfeiçoar sua moral.

No plano prático, trata-se de uma verdadeira trama, cujo resultado primordial foi a luta encarniçada que desencadearam contra os estudos clássicos foram certas ordens reduzindo ao mínimo as aulas de latim, e isso para aquêles que desejavam aprendê-lo, e a eliminação completa para os que escolheram o setor científico. Êsses serão os "técnicos puros", será outra cultura geral.

Os partidários dessa doutrina (pois na realidade é uma doutrina) são levados a dizer que a República não precisa de cidadãos capazes de ler Tácito ou Cícero, ou conhecedores do papel que representaram na História Universal personagens tais como Eschyle, Firdousi, Leão X e Racine... Porém, por mais plausível que pareça ao primeiro momento êste sofisma, não deixa de ser falso; porquanto falta e faltará sempre àqueles que tudo ignoram a respeito dessas coisas, um "que" de essencial e de pré-estabelecido, numa palavra, uma base sôbre a qual a cultura técnica prôpriamente dita não poderia se estabelecer sólidamente.

De fato, nenhum sábio, no passado, jamais se ergueu contra a cultura clássica, e isto pela simples razão de que antes de se tornarem sábios, haviam sido colegiais e aplicaram-se a adquirir um cabedal dêsses conhecimentos — considerados hoje como inúteis — graças aos quais seu espírito pronto e aguçado no domínio científico, permitia-lhes exercer suas faculdades com muito mais eficiência do que os anal-fabetos.

Aí está tôda a questão. A "técnica" não forma o espírito. Serve-se do espírito, quando êste foi previamente preparado para todos os exercícios que lhe podem ser solicitados. E estou certo de que o espírito que ficou na retaguarda não obterá no campo da ciência os mesmos resultados do que um outro do mesmo nível, porém tendo recebido essa preparação humanista.

E acho que estou com a razão, pois tendo feito um inquérito junto a algumas personalidades (dedicadas às mais diversas disciplinas) ficou provado, por unanimidade, que nenhuma se achava com o direito de rejeitar a sua formação clássica, nem mesmo escolar. O cômico, assim como o arquiteto, o professor na Sorbonne, o crítico literário, todos estão de acôrdo em declarar que a missão essencial da Educação consiste em formar elites (qualquer que seja, aliás, a orientação adotada mais tarde pelos seus membros), e que a formação dessas elites está baseada no estudo das nossas humanidades, as quais devem ter algum valor, uma vez que há 600 anos alimentaram e conceberam homens de talento, como Dante, Ronsard, Sully, Corneille, Victor Hugo, Einstein ou Bergson — citados a esmo. Porém, o testemunho que mais me impressionou, foi o de um homem que, pela sua carreira e acompanhando os preconceitos da moda, deveria de preferência ser classificado entre os sectários da ciência. Ao contrário, Albert Delaunay, que é um biologista, não hesita em dizer que é tão apaixonado pela filosofia e pela poesia como pelas pesquisas científicas. E acrescenta, com palavras impressionantes:

*"A ciência exclusiva, aliás, não permite conceber, criar idéias; uma formação unicamente científica resultará em técnicos perfeitos, mas não em homens de ciência. Todos os grandes inventores, todos os grandes sábios, foram pessoas que conheceram a sua profissão, e "mais alguma coisa"."*

Esse "mais alguma coisa", somente a cultura humanista no-lo pode dar. Pois, faltando essa "outra coisa", o técnico, por mais hábil que seja, não conseguirá ir além da aplicação das fórmulas descobertas pelos verdadeiros sábios, isto é, pelos cérebros que receberam uma dupla cultura.

Permitam-me — indo mais adiante — expressar a minha opinião pessoal sobre esse grave problema. Perdoem-me se é exagerada ou paradoxal. Porém, tem o mérito de ser absolutamente sincera:

"Creio que não é possível haver a menor igualdade, a mais leve comparação entre essas duas teses. Porquanto, uma concebe uma ciência abstrata, reduzida a seus próprios sistemas, não tendo a menor preocupação com os seus vivos, dos quais encara friamente uma possível exterminação. Enquanto a outra, aplicando-se somente em aperfeiçoar no homem que lhe é confiado, as nobres forças da moral e do ideal, e isto desde a mais tenra idade, acha-se perfeitamente em regra com o imperativo sagrado da educação. A orgulhosa satisfação de contemplar as máquinas (benéficas ou malélicas, pouco lhe importa) que a primeira inventou, a segunda contrapõe a modesta alegria de tornar o homem mais feliz e mais perfeito. Eu me contentaria de uma civilização sem bomba atômica e sem radar, porém que deixasse nossos filhos inebriarem-se das alegrias das descobertas intelectuais, e continuando a recitar: "Rosa": a Rosa."